

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
4º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
7º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Resumo das 28ª e 29ª Aulas: 16 e 23.11.2017

Nas últimas aulas estudamos a vivência da sexta fase da vida, com uma atenção especial ao desapego de dominância patriarcal, na passagem da quinta para a sexta fase, na dimensão individual e no período mitológico do início de nossa era. Em todas as passagens das fases arquetípicas são ativados os Arquétipos do Herói e da Morte. Estes arquétipos, porém, estão especialmente presentes no Mito Cristão, com o tema da jornada heroica, com a morte e a ressurreição.

Nossa referência hoje será o Mito Cristão ilustrado pela vida de Jesus, no filme *Jesus de Nazaré*, de Franco Zeffirelli (1977).

O Arquétipo do Herói é ativado em todas as situações existenciais em que o Ego individual ou coletivo se depara com um desafio extraordinário, que requer o desempenho de uma grande missão (vida) e um desapego significativo do que deve ser ultrapassado (morte). Essas situações trazem uma grande transformação do Ego, frequentemente compreendida dentro do tema da morte e da transformação.

Criei o conceito do Arquétipo da Vida e da Morte, dentro do Arquétipo Central, para expressar a inseparabilidade desses dois grandes polos do desenvolvimento. Meu conceito inspirou-se em Sabina Spielrein que, com seu artigo “A Destruição como Causa da Transformação” (1912), descreveu que os gametas masculino e feminino morrem na fecundação, que forma o ovo e dá origem à vida. Seu artigo foi influenciado e influenciou a obra “Símbolos de Transformações”, de Jung (1912) e, posteriormente, influenciou também a obra de Freud “Além do Princípio do Prazer” (1920), baseada no conflito entre o Instinto de Vida e o Instinto de Morte, por ele concebidos.

Desta maneira, vemos que **Freud manteve a posição polarizada patriarcal, como fez na maior parte de sua obra. Por isso, separou radicalmente as pulsões de vida e de morte.** Para manter as polaridades separadas e relacionadas ao todo do Self de forma sistêmica, o Arquétipo Patriarcal propicia a abstração das polaridades da

posição insular matriarcal, na qual elas operam de maneira simbiotizada, formando ilhas dentro do Self.

Julinho tem dois anos e está brincando com um ursinho, na escola. Seu coleguinha Fernando (Fê), vem e pega o ursinho para ele. Julinho sente frustração porque ele e o ursinho estão muito apegados na simbiose. Eles relacionam-se intimamente numa ilha que os separa do todo. Quando Fê praticamente arranca o ursinho, Julinho sente muita frustração (dor e sofrimento) que desencadeia agressividade. Julinho começa a chorar de dor e de raiva e, num primeiro momento, sente-se impotente para consolar as suas funções.

Para apaziguar a frustração, inerente à vida e fortemente presente nas relações pessoais, temos **a função estruturante do acolhimento**. Como todas as funções estruturantes, o acolhimento também é arquetípico e virtual. Começa a ser ativado e integrado já nas relações primárias. Winnikott destacou o “*holding* e o *caring*” dentre as relações primárias como as funções mais necessárias para a formação e o desenvolvimento do Ego, ou seja, da identidade. O **acolhimento** corresponde ao “*holding*” de Winnikott e ao cuidado, ao “*caring*”.

Julinho lidará com a frustração e com a agressividade desencadeada por ela, dependendo do grau de acolhimento do qual seu Ego disponha, tenha recebido ou ainda recebe dos seus cuidadores. Normalmente, ele próprio começa a acolher seu sofrimento. No momento, sua cuidadora ou seu cuidador complementa o acolhimento. Caso sua função do acolhimento esteja se tornando fixada e defensiva, Julinho poderá não só repudiar, como até mesmo agredir quem vier acolhê-lo. Quanto mais a função acolhedora torna-se defensiva, mais a frustração passará diretamente para a agressividade e, na vida adulta, para o ódio.

Como Sabina Spilhein, Jung adotou, em grande parte de sua obra, a posição dialética de alteridade, e interpretou simbolicamente a morte, podendo significar tanto a morte literal como a morte simbólica, aquela que traz a transformação. Nesse caso, ela desempenha um papel criativo no processo de individuação.

A Psicologia Simbólica Junguiana reuniu a atuação normal e defensiva das funções estruturantes da vida e da morte. Para expressá-las, concebeu o Arquétipo da Vida e da Morte. Dentro dessa perspectiva, a Vida e a Morte interagem dialeticamente, como pensaram Sabina e Jung. Do início ao fim do processo de desenvolvimento, a vida traz o crescimento e a adaptação criativa do organismo, mas, para transcender as grandes etapas arquetípicas, ela deve submeter-se **à função estruturante do sacrifício e da morte**, para renascer transformada.

Como vemos no gráfico 1, (as sete etapas da vida), assim ocorre no nascimento. Segue-se, na primeira infância (0-2 anos), a aquisição da locomoção, do controle esfinteriano, e da fala. Na segunda infância (02-12 anos), dá-se o progresso da fala e o início da socialização dentro da família. Na adolescência (12-20 anos), ocorrem a puberdade e a construção da socialização fora da família, seguida pela passagem para a vida adulta (20-40 anos), expressa pelo desempenho profissional, pela formação de uma nova família e pelo desempenho parental. Em seguida, vem a maturidade e a diferenciação da individualidade única (40 aos 60 anos). Finalmente (60 anos em diante), chega-se ao desapego do corpo físico, da família e da sociedade, para vivenciar a transição do corpo físico para o corpo cósmico, na vivência da morte e do renascimento para a vida eterna (Byington, 2013, *A Viagem do Ser em Busca da Eternidade e do Infinito – As Sete Etapas Arquetípicas da Vida pela Psicologia Simbólica Junguiana*).

Em todas essas etapas, o Arquétipo da Vida e da Morte relaciona dialética e criativamente a vida e a morte com o Arquétipo do Herói, que reforça o Ego para enfrentar esses grandes desafios, e com a função estruturante ou Arquétipo do Sacrifício, que entrega à morte o que passou, em troca da nova etapa da vida.

As neurociências fazem parte da Psicologia Simbólica Junguiana e confirmam plenamente que a vida e a morte formam um arquétipo, que faz parte do Arquétipo Central. Como podemos ver no livro *Molecular Biology of the Cell*, uma verdadeira bíblia da biologia molecular (Alberts, Bruce e outros. New York: Garland Science, 2008), a morte celular é parte do funcionamento normal do organismo. Num ser humano adulto, normal, milhões de células morrem por hora, na medula óssea e no intestino, por exemplo. A apoptose (morte celular) é a forma mais comum de morte programada das células, e são verdadeiros suicídios. Isto pode ocorrer devido a ferimentos, a doenças ou até **para a manutenção do equilíbrio entre as células vivas** e o funcionamento normal do organismo. Os glóbulos brancos neutrófilos morrem combatendo as infecções, mas também morrem em grande número, dentro da medula óssea. Um número extraordinário deles morre, por apoptose, alguns dias depois de nascer, sem jamais ter feito nada. A única finalidade da morte nesses casos é manter esse exército dos “soldados do corpo” sempre jovem e forte para a luta contra as infecções. E assim por diante (*Molecular Biology of the Cell*, cap. 18).

O Mito Cristão é um mito no qual o Arquétipo do Herói e o Arquétipo do Sacrifício são muito ativados, a fim de conseguir a passagem da dominância patriarcal no Self Cultural (correspondente à quinta fase da vida no Self Individual) para a dominância de alteridade (correspondente à sexta fase da vida). Esse mito é de extraordinária

importância na história da civilização ocidental, a ponto de estabelecer a passagem do Velho Testamento (dominância patriarcal, centralizada no poder) para o Novo Testamento (dominância de alteridade, centralizada na compaixão), na Santíssima Trindade.

Dentro da Teoria Arquetípica da História, concebida pela Psicologia Simbólica Junguiana a partir da obra de Erich Neumann (1949), vemos que o Mito Cristão ativado pela mensagem profética de Jesus no início de nossa Era (0-33 AD), propiciou, durante os dois últimos milênios, a integração na Consciência coletiva **da posição quaternária dialética de alteridade. Foi ela que deu origem à busca da interação social dentro do ideal de liberdade, igualdade e fraternidade do socialismo democrático. Deu origem, também, à interação sujeito e objeto, na busca da verdade.** Foi a raiz do método experimental e das ciências modernas. Deu origem ainda à relação de sustentabilidade na economia e na ecologia, ao julgamento pelo contraditório, no Direito, e à dialética normal-patológica, na psicologia dinâmica, e ao que há de mais criativo no humanismo ocidental.

O Mito do Herói no Cristianismo tem muitas características iguais e, ao mesmo tempo, muito diferentes dos mitos heroicos patriarcais, como aqueles das Mitologias Grega, Germânica e Assírio-Babilônica. Em todas elas e também no mito cristão, o nascimento do herói é milagroso, seu pai é dual, sua vinda é revolucionária e ameaçadora. Por isso, ele é ameaçado de morte, ao nascer. O herói patriarcal, no entanto, geralmente está a serviço de uma missão subordinada ao poder, pelo qual ele luta, mata e, quase sempre, morre. O herói da alteridade está a serviço de uma missão de transformação espiritual, subordinada ao amor e à compaixão, como é o caso de Cristo, Buda e Krishna.

Como muitos outros mitos do herói, o herói messiânico cristão é anunciado milagrosamente, ou seja, contrariando a tradição do *status quo*. Frequentemente, por sincronicidade, há sinais cósmicos, como o caso da estrela, que guiou os três Reis Magos para o nascimento de Jesus. **Como é destinado a mudar a consciência coletiva e o poder tradicional vigente, o nascimento do herói é considerado ameaçador e ele é frequentemente perseguido para ser morto.** É o que o Rei Herodes, representante da ocupação romana, tentou fazer ao ordenar a matança das crianças de até dois anos, na cidade de Belém. Esse episódio é relatado no Novo Testamento como o “Massacre dos Inocentes”.

A concepção de Maria como virgem biológica e toda a mitologia da Virgem Maria, desenvolvida dentro do Cristianismo, é um exemplo da hipostasia, concretização ou literalização redutiva de aspectos simbólicos dos mitos, que comumente ocorrem nas

culturas. Para a Psicologia Simbólica Junguiana, **Maria é virgem simbólica e espiritualmente**, porque ela vai receber, por mediunidade ou por revelação mística, a vivência de que seu filho Jesus será a encarnação histórica do Messias. A transformação dessa virgindade milagrosa, espiritual, numa virgindade física, geralmente feita no Cristianismo, limita muito a compreensão do processo iniciático religioso, que deve ter sido sua vida como mãe do Messias. Gostaria de questionar uma passagem do Evangelho de São João, referente à Virgem Maria e sugerir uma hipótese alternativa ao texto.

“E junto à cruz estava a mãe de Jesus, a irmã dela, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.

Vendo Jesus sua mãe, e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí o teu filho.

Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante, o discípulo a tirou para casa”. Evangelho de São João, 19:25-27

Não foi por acaso que Pedro negou a Jesus três vezes na noite anterior. Ele o fez porque os apóstolos estavam sendo perseguidos e, se ele admitisse que era um seguidor de Jesus, teria sido preso. Por isso, não acho admissível que João, considerado o “discípulo amado”, estivesse junto à Virgem Maria durante a crucificação. Quem estava, na minha hipótese, era Maria Madalena. E por quê?

Nos Evangelhos apócrifos de Nag Hammadi, Maria Magdalena é considerada não só a companheira de Jesus, como superior aos demais apóstolos, na apreciação de Jesus.

“Simão Pedro (São Pedro) disse aos apóstolos: Que Maria se afaste de nós, porque as mulheres não são dignas da vida espiritual.”

Jesus disse: Eu mesmo a guiarei para que se transforme num homem, de forma que ela também seja um espírito esclarecido semelhante a vocês homens, porque toda mulher que se transformar em homem entrará no Reino dos Céus.” (Nag Hammadi Library. In English. Evangelho de Tomé (114), minha tradução).

Obviamente, “a transformação da mulher em homem” é uma metáfora da integração do Animus no processo de individuação.

Os Evangelhos apócrifos de Nag Hammadi contêm também, o Evangelho de Felipe no qual se lê:

“A companheira do Salvador é Maria Madalena. Cristo a amou mais do que a todos os discípulos e costuma beijá-la na boca frequentemente. Os outros discípulos se sentiam preteridos e disseram a Ele: Por que você a ama mais do que a nós? O Salvador respondeu: Por que eu não vos amo mais do que a ela? Quando um cego e uma pessoa que vê estão juntos na escuridão, eles são iguais. Mas quando vem a luz, aquele que tem a visão verá a luz, enquanto o cego continuará na escuridão. (Nag Hammadi Library. In English. Evangelho de Felipe II, 3, minha tradução).

Neste Evangelho apócrifo, relata-se não somente a relação erótica entre Jesus e Maria Madalena, como o alto grau de desenvolvimento espiritual dela. Essa hipótese é plenamente referendada nos Evangelhos Canônicos, quando Maria Madalena é a primeira a ver o Cristo ressurreto e a transmitir o ocorrido aos demais apóstolos que, depois, também o verão.

Nesse sentido, levanto a hipótese de Jesus haver recomendado o cuidado de sua mãe à Maria Madalena. “Cuidado” no contexto simbólico e arquetípico significa aqui a iniciação e a orientação espiritual da Virgem Maria, para compreender tudo o que se passou em sua vida, desde a anunciação até a crucificação e a ressurreição de seu filho. Ninguém melhor do que Maria Madalena para empreender tamanha tarefa.

O Mito Cristão desenrola-se na história de Israel, durante a ocupação romana (Tiberio 14 AD-37 AD). Ele emerge dentro da tradição mística judaica da vinda do Messias, anunciada por muitos profetas, inclusive por Isaias. No filme *Jesus de Nazaré*, Cristo lê o texto de Isaias na sinagoga e declara-se o Messias; é expulso da Sinagoga e quase apedrejado, como blasfemador. Dentro do contexto patriarcal do Velho Testamento, a principal discrepância entre Jesus, como herói da alteridade, e as expectativas dos israelitas oprimidos por Roma, era a crença de que o Messias seria um herói patriarcal, continuador da glória dos grandes reis de Israel, como Saul, Davi e Salomão. Nesse sentido, o filho de um humilde carpinteiro (José), nascido numa manjedoura, ao lado de um boi e de um jumento, em condições de extrema pobreza e humildade, destinado a abençoar os humildes, perseguidos e abandonados, (Sermão da Montanha), era em tudo diferente do grande general aguardado em fausto, para guerrear e milagrosamente derrotar Roma, como Davi vencera Golias. Essa rebelião de natureza patriarcal ocorreu no ano 70 AD, quando os israelitas se rebelaram, em luta armada, contra a ocupação romana. Eles foram aniquilados e o Templo de Jerusalém, destruído. Esta derrota deu origem à diáspora dos judeus, espalhados pelo mundo, até retornarem para a Palestina em 1948, quase dois mil anos depois.

A diferença entre o Messias de Alteridade representado por Jesus e o Messias guerreiro patriarcal foi um dos principais fatores de Jesus ter sido considerado um blasfemador e ter sido entregue pelo Sinédrio e pelo povo às autoridades romanas, para ser crucificado na Páscoa, em lugar de Barrabás.

Jesus repetidamente pregou a Boa Nova do Messias, para que as pessoas se arrependessem dos pecados e buscassem a salvação. Isso, possivelmente não se refere apenas aos pecados habituais, mas ao confronto da Sombra de um modo geral. Como sabemos, o **Arquétipo Patriarcal reprime a Sombra enquanto que o Arquétipo da**

Alteridade, confronta-a e resgata os símbolos nela fixados, o que transforma Jesus no carneiro sacrificial, aquele que morre para redimir a humanidade do elitismo patriarcal.

Do ponto de vista simbólico e arquetípico, a implantação da alteridade era a Boa Nova, que transformou a relação patriarcal e maniqueísta com Deus num paradigma dialético entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, expresso no símbolo da Santíssima Trindade. Possivelmente, o maior pecado da humanidade, redimido com o sacrifício de Jesus, seja a própria dominância do padrão patriarcal com apego ao poder, aos bens materiais, às tradições inflexíveis e reacionárias, ao elitismo, à opressão dos fracos, humildes e oprimidos, e à formação da Sombra que a Alteridade vem confrontar, elaborar e resgatar.

Uma ocorrência habitual nos mitos heroicos é a morte do herói, junto com o sacrifício da transformação que ele propõe instalar. **Por que Jesus morreu na cruz para transformar a dominância patriarcal pela alteridade com a compaixão e o amor? Talvez seja essa parte do Mito a mais difícil de ser compreendida.**

Possivelmente, em assim fazendo, Jesus expôs, até a última consequência, a soberba do Arquétipo Patriarcal, representado tanto pelo Sinédrio quanto pelo povo. Ao transformar-se, ele próprio, no carneiro sacrificial, **assumiu totalmente sua identificação com a bondade, com a humildade e com a compaixão**. Isto ele trouxe para a humanidade, em contraposição à soberba, ao autoritarismo elitista da dominância patriarcal que se quer ultrapassar com a alteridade.

As condições de sua morte heroica, como carneiro sacrificial, dão a Jesus o significado do símbolo da Ressurreição dentro da Trindade com a relação entre o Pai e o Filho. Não é mais uma relação autocrática como na dominância patriarcal, mas dialética e amorosa, do Deus transformado pelo amor.

Compreendemos, assim, que a instalação da alteridade pelo Mito Cristão corresponde no Self Cultural à integração dos Arquétipos da Anima e do Animus, na fase da maturidade do processo de individuação (41 aos 60 anos) no Self Individual.

Para compreender melhor o sacrifício de Jesus na crucificação, é necessário perceber bem a diferença entre as posições arquetípicas Matriarcal, Patriarcal e de Alteridade na Consciência.

Temos estudado no curso, a transição da dominância patriarcal para a dominância de alteridade. Essa dominância assinala o funcionamento ternário da relação Ego-Outro na posição polarizada patriarcal para a posição quaternária dialética, coordenada pelo Arquétipo da Alteridade, que inclui os Arquétipos da Anima e do Animus.

A posição polarizada terciária patriarcal é muito mais poderosa do que a posição binária insular matriarcal, porque permite a organização sistêmica das polaridades dentro do Self. Vejamos, por exemplo, o manejo da água, um dos símbolos e funções estruturantes mais importantes da vida.

Desde sempre, percebemos que a chuva é muito importante para a vegetação. Durante os 190 mil anos em que nos comportávamos como povos nômades, caçadores e coletores, já valorizávamos as regiões chuvosas, em função da abundância de frutas, de caça e de pesca, repudiando as áreas desérticas e secas. Quando nos tornamos povos assentados, após a revolução agropastoril há 12 mil anos, passamos a valorizar a proximidade dos rios não só pelo transporte, mas também pela fertilidade de suas margens. Podemos mesmo associar a história da riqueza da civilização egípcia com as chuvas anuais do Rio Nilo, cujas margens inundadas eram propícias para as plantações que alimentavam o império.

O aprendizado da agricultura e do pastoreio permitiu nossa transformação de povos nômades em povos assentados, e foi a principal causa da ativação do Arquétipo Patriarcal e da sua dominância do Arquétipo Matriarcal, na elaboração simbólica. O passo seguinte foi o controle da água pela irrigação, permitindo a formação dos “impérios do regadio” (Darcy Ribeiro, 1968). Que diferença enorme entre o caminhar em direção às áreas chuvosas, em busca de nutrição e o canalizar água em busca da irrigação de plantações!

O poder de organização patriarcal da alimentação não se tornou superior ao nomadismo matriarcal simplesmente por ser uma força superior de pensar, mas pela descoberta agropastoril.

Da mesma forma, o poder de organização patriarcal da irrigação sobre a Agronomia veio da descoberta agropastoril.

Os inúmeros rituais milenares para fazer chover, pela magia, são evidentemente de eficácia muito inferior à construção de um canal de irrigação. Mas, como explicar essa superioridade, dentro dos padrões de funcionamento insular matriarcal e polarizado patriarcal?

A resposta está no fato de o Ego e de o Outro estarem tão íntimos na posição insular matriarcal, que o Ego acha que o Outro vai funcionar de acordo com o seu desejo, **como acontece na magia**. Esse “achismo” do Ego só serve para reforçar, ainda que ilusoriamente, sua autoconfiança, mas tem pouca ou nenhuma utilidade para conhecer a realidade e atuar produtivamente dentro dela. Já na posição polarizada patriarcal, tal não acontece porque o Ego sabe que o Outro é independente dele e não vai corresponder ao

seu desejo ou à sua fantasia. A condição principal, então, para se compreender essa diferença é o conhecimento da simbiose do Ego e do Outro, na posição insular matriarcal, e a separação do Ego do Outro, na posição polarizada patriarcal. No entanto, como é possível passar da posição insular matriarcal para a polarizada patriarcal sem recorrer à repressão do matriarcal, recomendado pela Psicanálise? O que acontece a partir dos 2 anos de idade, quando a sensualidade matriarcal, não reprimida, continua a operar junto com a organização social? E por que isso demorou tanto para acontecer na história?

Um fator importante foi, sem dúvida, o estabelecimento social dos papéis da mãe e do pai. Na família patriarcal, pelo início do reconhecimento do pai biológico, o parâmetro da polaridade mãe-pai claramente separados como pessoas, mas unidos na organização familiar e na formação da identidade do Ego e do Outro é, sem dúvida, muito importante para orientar e fortalecer a separação do Ego e do Outro, inerente ao funcionamento da posição polarizada patriarcal.

Nesse sentido, foi obviamente muito significativo o desconhecimento da paternidade na pré-história. Os grupos étnicos não eram formados por famílias, pois não se conhecia a função paterna na procriação. A mãe andava com os filhos e seus eventuais parceiros sexuais, formando grupos. A presença do pai não era absoluta e permanente. O papel do homem era como companheiro circunstancial da mãe. Por isso, o vínculo paterno com as crianças não era absoluto, como o materno. Dessa maneira, o Ego permanecia por muito mais tempo na posição simbiótica e íntima com a mãe. A percepção do Outro, bem separado do Ego, era dificultada pela ausência do pai biológico, reconhecido como tal.

Essas considerações são necessárias para compreendermos melhor o símbolo da crucificação. É óbvio que Jesus poderia ter evitado a crucificação e fugido de Israel. Mas por que não o fez? Ao deixar-se trair, aprisionar, torturar e ser crucificado, Jesus transformou sua morte em sacrifício.

Sabemos que a palavra sacrifício vem de “sacer” = sagrado e “facere” = fazer. O ato torna-se sacrificial quando é feito para glorificar a divindade. Jesus sacrificou a própria vida para glorificar a divindade, não a patriarcal, que determinou sua crucificação, mas a que inspirou sua pregação da compaixão na alteridade. Assim fazendo, Jesus encarnou o Messias da Alteridade e transformou o Deus patriarcal do Velho Testamento, no Deus da Santíssima Trindade do Novo Testamento, no qual o Pai e o Filho se reúnem em relação dialética, por intermédio do Espírito Santo. Ao fazê-lo, a morte do Cristo tornou-se simbólica e sacrificial, para representar na Ressurreição a busca da salvação da humanidade, por intermédio da posição dialética da alteridade.

Compreendemos melhor essa explicação, quando nos damos conta de que o padrão dialético quaternário de alteridade é o único que confronta a Sombra, para resgatar e reintegrar os símbolos nela fixados e, por isso, é a forma mais inteligente da qual a psique humana é capaz. Esta é, também, a explicação simbólica para os rituais da confissão e da comunhão.

A posição insular matriarcal não resgata os símbolos da Sombra porque os evita. A posição polarizada patriarcal, também não o faz, porque reprime os símbolos da Sombra na pretensão de transformá-los pela sublimação. Por isso, a psicoterapia simbólica é baseada na dialética da alteridade. Compreende-se assim, que a psicologia comportamental e a farmacoterapia não resgatam a Sombra, porque são alicerçadas na posição polarizada patriarcal.

Na próxima aula, a 30^a, continuaremos o estudo deste tema no mito do Buda.

Texto recomendado: Leitura do cap.11, Arquétipo da Alteridade e cap. 12, Arquétipo da Totalidade, da *Psicologia Simbólica Junguiana*.

Boa noite a todos e até quinta-feira.

Byington.

Referências Bibliográficas

THE NAG HAMMADI LIBRARY (1978). In English. James M. Tobinon, General editor. New York: Harper & Row Publishers, 1981.

PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA AS SETE FASES DA VIDA

1ª FASE: Intrauterina

**Arquétipo Central
Arq. Patriarcal Ativo (Self Cultural)**

2ª FASE: Primeira Infância (0 - 2 Anos)

**Arq. Matriarcal Passivo
Arq. Patriarcal Ativo (Self Familiar)**

3ª FASE: Segunda Infância (2 - 12 Anos) – 1ª Metanoia

**Arq. Matriarcal Passivo
Arq. Patriarcal Passivo
Arq. do Herói Passivo**

4ª FASE: Adolescência (12 – 20 Anos) – 2ª Metanoia

**Arq. Matriarcal Ativo Inicial
Arq. Patriarcal Ativo Inicial
Arq. Anima / Animus Passivos
Arq. do Herói Passivo
Arq. de Alteridade Passivo**

5ª FASE: Adulta (21 - 40 Anos) – 3ª Metanoia

**Arq. Matriarcal Ativo
Arq. Patriarcal Ativo
Arq. Alteridade (Anima e Animus) Ativos
Arquétipo do Herói Ativo**

6ª FASE: Maturidade (41 – 60 Anos) – 4ª Metanoia

**Arq. de Alteridade Ativo
Arq. Anima e Animus Ativos**

Dom. Matriarcal ← ↑ → Dom. Patriarcal

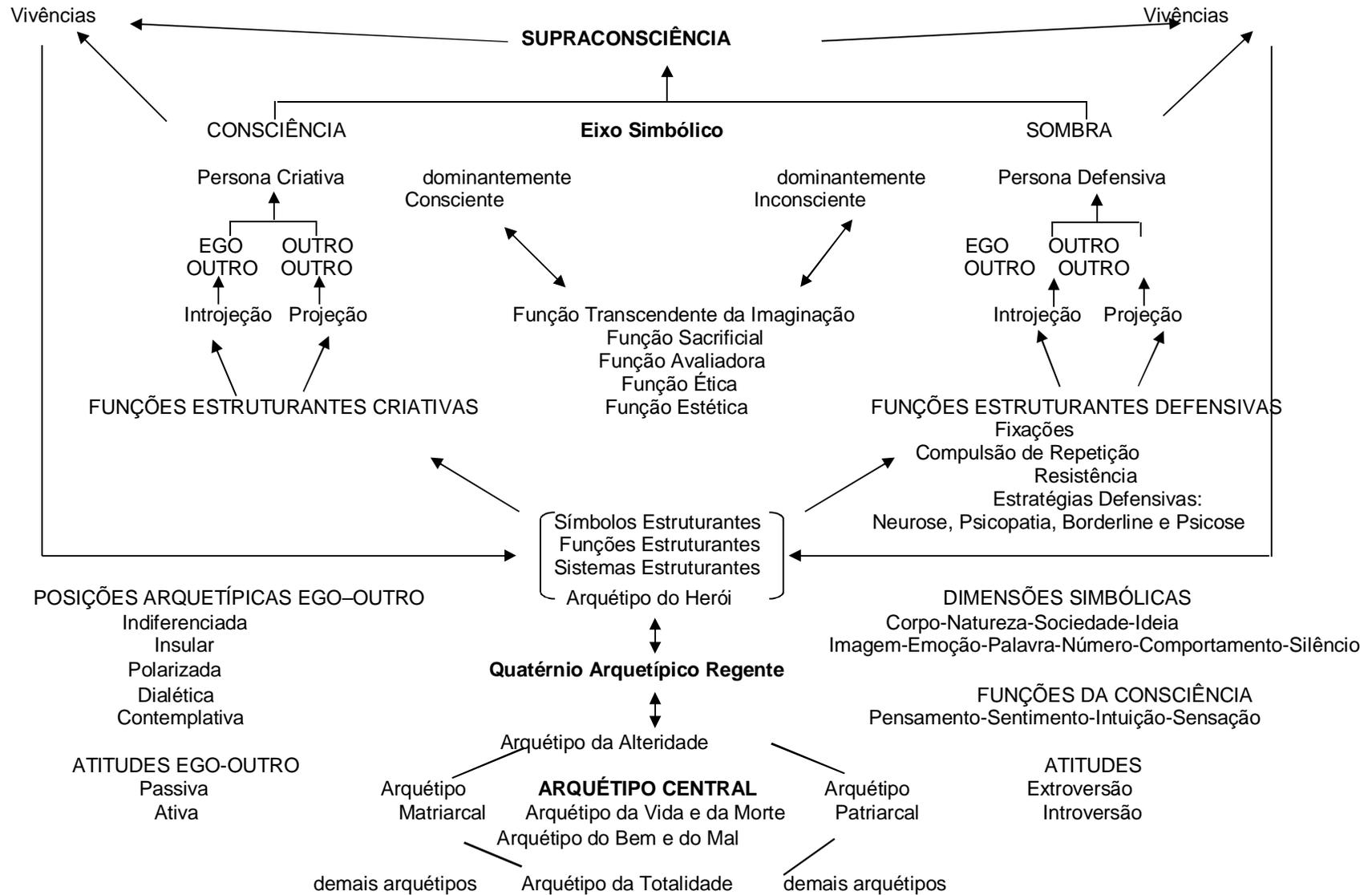
**Arquétipo do Herói Ativo
Segunda Adolescência**

7ª FASE: Terceira Idade (Acima dos 60 Anos) – 5ª Metanoia

**Arquétipo da Totalidade
Desapego Existencial / Conjunção Cósmica**

**O ARQUÉTIPO CENTRAL E O ARQUÉTIPO DA VIDA E DA MORTE
ESTÃO PRESENTES EM TODAS AS FASES**

PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA
ESTRUTURA E DINÂMICA DO SELF
Processo de Elaboração Simbólica



**PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA
ESTRUTURA E DINÂMICA DO SELF
Processo de Elaboração Simbólica**

